Jornalismo Especializado: a manipulação do leitor em Reportagens das revistas *Caros Amigos* e *Piauí*[1]

Bruna Vieira GUIMARÃES[2]

Centro Universitário Módulo, Caraguatatuba, SP e

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

RESUMO

Análise de reportagens, uma da Revista *Caros Amigos* e outra da revista *Piauí*, sob a ótica dos Padrões de Manipulação do Público propostos por Perseu Abramo (1996) e dos Filtros de Manipulação de Edward S. Herman e Noam Chomsky (2003). Foram comparadas às técnicas das reportagens nas duas revistas de circulação nacional: a *Caros Amigos* fez uso do jornalismo literário e *Piauí* a rumou para o jornalismo investigativo. O artigo ainda apresenta breve histórico das revistas, dos sites e das edições selecionadas. As reportagens analisadas intitulam-se "Impactos da Copa" (*Caros Amigos*, Abril, 2012) e "Acossados" (*Piauí*, Março, 2012) e, na conclusão, confirmou-se o uso das técnicas de manipulação do leitor.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Especializado, Jornalismo Literário, Jornalismo Investigativo, Revistas *Caros Amigos e Piauí*, Manipulação do Público.

Introdução

"Quatro mil títulos depois: 200 anos após o lançamento da primeira revista no Brasil, o mercado se adéqua às novas tecnologias em busca de um novo público sedento por informação e entretenimento". Estes são o título e a linha fina da reportagem de Nelson Varón Cadenas (2012, p.35-37), publicado na *Revista Imprensa* no início de 2012. O texto confirma que a primeira revista no Brasil nasceu em 1812 e chamava *As Variedades.*

As revistas se especializaram com o passar dos anos. As publicações segmentadas surgiram na década de 1960 (SCALZO, 2006, p.47). Atualmente, segundo dados da Associação Nacional de Revistas (Aner), as vendas de revistas no país

[1] Trabalho apresentado no DT 1 – GP Gêneros Jornalísticos do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Orientadora do trabalho e professora do Curso de Jornalismo no Centro Universitário Módulo, em Caraguatatuba, SP. Mestre e doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), e-mail: brunajornalista@hotmail.com. Revisou e atualizou as informações deste artigo em julho de 2013, no entanto a pesquisa inicial foi feita de fevereiro a junho de 2012, na disciplina "Oficina de Impresso – Revista", pelas graduandas **Millena Hermes Terra**, estudante de Jornalismo no Módulo, e-mail: millenahermes@live.com e **Thaís Matos Pinheiro**, estudante de Jornalismo na ECA-USP (Escola de Comunicação e Artes - Universidade de São Paulo), e-mail: thais.matos.pinheiro@gmail.com. Quando Thaís fez a pesquisa, cursava Jornalismo no Módulo.

alcançaram 440,6 milhões de exemplares (no primeiro semestre de 2011), atingindo uma média de 30 milhões de brasileiros com 4.705 títulos vendidos em bancas.

A segmentação das revistas possibilitou uma maior identificação da publicação com o seu público. O conteúdo e a temática das publicações atendem às necessidades e ânsias dos leitores. São revistas femininas, masculinas, de economia, cultura, esporte, moda, fofoca, novela, culinária, negros, além das revistas customizadas de empresas-comércios-indústrias e títulos hipersegmentados, como exemplo, a revista do parafuso e a revista nacional da carne (SARDAS, 2012).

O advento da internet também estreitou o relacionamento das revistas com seus leitores. As publicações impressas investem em plataformas online e versões digitais e, por meio de sites, chats, e-mails e outros canais interativos, os leitores das revistas podem opinar de forma rápida, o que muitas vezes resulta na mudança editorial das publicações. Segundo Marília Scalzo (2006, p.38), "seja como for, o fato é que, na absoluta maioria dos casos de publicações bem sucedidas no mercado, existe sempre algum modo, formal ou informal, de escutar periodicamente o público".

As duas revistas analisadas neste artigo são *Caros Amigos* e *Piauí* que, apesar de abordarem temas da atualidade e estarem em circulação, possuem propostas editoriais diferentes. A escolha das autoras deste artigo pela análise dessas revistas foi por afinidade, pois são leitoras das publicações.

Criada em 1997, a *Caros Amigos* se intitula como "a primeira (revista) da esquerda no país", propondo um jornalismo questionador, crítico e progressista, com a presença de reportagens investigativas. A *Piauí* surgiu na FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty)[3], em 2006, e pratica mais o jornalismo literário. Muitos dos textos da *Piauí* são descritivos e interpretativos, fazem uso de técnicas de humanização, imersão, exatidão, autoria, estilo, criatividade e figuras de linguagem.

A tiragem da *Caros Amigos* na edição analisada (Abril de 2012), foi de 30 mil exemplares mensais, e da *Piauí* (Março de 2012), 60 mil. Portanto são duas publicações de médio porte se comparadas a títulos com mais tempo de circulação como revista *Claudia* (449 mil exemplares mensais), *Nova* (280 mil), *Quatro Rodas* (307 mil) e outras que constam na Tabela de Circulação da Editora Abril (2013).

As autoras adotam o conceito de Reportagem definido por Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986, p.11) como "uma extensão da notícia e, por excelência, a forma

[3] A primeira Flip, realizada em 2003, inseriu o Brasil no circuito dos festivais internacionais de literatura. Nos cinco dias de festa anual, a Flip realiza cerca de 200 eventos, que incluem debates, shows, exposições, oficinas, exibições de filmes e apresentações de escolas, entre outros. Disponível em: http://www.flip.org.br. Acesso em: julho de 2013.

narrativa do veículo impresso". Constitui-se um gênero jornalístico como define José Marques de Melo citado no artigo de Guimarães e Gomes (2009, p.2): "a reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística".

Portanto, este artigo analisa duas reportagens, uma investigativa, "Impactos da Copa de 2014", escrita pelo jornalista Leandro Uchoas (*Caros Amigos*, Abril, 2012) e a outra literária, "Acossados", de Consuelo Dieguez, na (*Piauí*, Março, 2012). As reportagens tem em comum o aprofundamento dos fatos, apesar de terem finalidades e origens diferentes.

O jornalismo literário teve início na escola do realismo social no século XIX, na Inglaterra e França. No Brasil, está presente na obra Os Sertões, em 1902, de Euclides da Cunha, posteriormente na revista *Cruzeiro*, *Realidade*, entre outras. A produção americana (ininterrupta ao longo do século XX) remonta aos anos 1920 e 1930 com a revista *The New Yorker*, tendo como auge os anos 1960 e 1970 com a efervescência do *New Journalism* (VILAS BOAS, 2008, p.13-16).

Técnicas que evidenciam o jornalismo literário são: uso de metáforas, digressões, monólogos interiores, fluxos de consciência, diálogos e descrições minuciosas. Também conhecido como jornalismo narrativo, que segundo Sérgio Vilas Boas (2008, p.10) é a "reportagem ou ensaio em profundidade nos quais se utilizam recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) literatura".

Já a origem do jornalismo investigativo situa-se no período pós-segunda guerra mundial, quase todos produzidos nos Estados Unidos, especialmente a partir de 1955 (SEQUEIRA, 2005, p.11). O marco histórico foram às reportagens de Carl Bernstein e Bob Woodward no caso Watergate, publicadas em 1972, que levou a renúncia do presidente americano Richard Nixon.

No Brasil, as reportagens investigativas ganharam peso com a redemocratização do país, em 1985, quando "os jornalistas começaram a respirar, a fugir do noticiário oficial e, finalmente, a buscar a melhor notícia -aquela que está escondida" (FORTES, 2007, p.10).

Jornalismo investigativo, segundo Cleofe Monteiro de Sequeira:

> É quando a reportagem ganha, então, novo sentido, passando a conter os seguintes elementos: uma dimensão comparada, a remissão ao passado, a interligação entre outros fatos (contexto) e a incorporação do fato a uma tendência e sua projeção para o futuro. [...] Ele se transforma em jornalismo investigativo quando o repórter utiliza técnicas e estratégias peculiares, que não fazem parte da rotina dos jornalistas de atualidade, e quando torna públicos os

> acontecimentos que grupos de poder querem esconder da sociedade. (SEQUEIRA, 2005, p.61-62).

O presente artigo aplicou os Filtros e Padrões de Manipulação nas duas reportagens selecionadas tendo como base a obra *Padrões de manipulação na grande imprensa* do jornalista brasileiro Perseu Abramo (1996)*;* e o livro *Manipulação do público* do economista Edward S. Herman e do professor americano Noam Chomsky (2003).

Segundo Abramo (1996, p.23) "uma das principais características do Jornalismo no Brasil, hoje, praticado pela maioria da grande imprensa, é a manipulação". Nesse sentido o autor elegeu quatro padrões: de **ocultação**, de **fragmentação**, da **inversão** e de **indução** que foram detalhados na análise das reportagens.

Chomsky e Herman afirmam que:

> A mídia de massa serve como um sistema para comunicar mensagens e símbolos à população em geral. A função dessas mensagens e símbolos é divertir, entreter, informar e incutir nas pessoas os valores, credos e códigos de comportamento que as integrarão as estruturas institucionais da sociedade maior. O cumprimento desse papel, em um mundo de má distribuição de renda e de importantes conflitos de interesses de classes, requer uma propaganda sistemática. (HERMAN e CHOMSKY, 2003, p.61)

Foram estabelecidos cinco filtros por Chomsky e Herman: 1) dos **meios de comunicação** (grupos de comunicação utilizam os veículos pertencentes ao grupo para divulgar seus interesses e valores); 2) do **financiamento** (a propaganda financia a imprensa e, por isto, há interferência do comercial na redação jornalística do veículo); 3) da **dependência** (meios de comunicação dependem fortemente das grandes empresas e das instituições governamentais como fonte de informações e de investimentos, fazendo uso corriqueiro das fontes oficiais); 4) da **crítica dos grupos de pressão** (empresas de comunicação são pressionadas por governos, instituições religiosas, associações de classe -OAB, FIESP etc-, sindicatos, partidos políticos, classe artística e outros); 5) **normativo dos jornalistas** (quando o profissional da imprensa emiti juízos de valores pessoais e do veículo em seus textos).

Estes padrões e filtros de manipulação foram aplicados na reportagem "Impactos da Copa" que questionou os gastos públicos e problemas que permeiam a preparação do Brasil para receber a Copa do Mundo de 2014; e no texto "Acossados" que detalhou a história de perseguição aos tenentes homossexuais Laci Marinho de Araújo e Fernando Alcântara de Figueiredo.

Abaixo, o artigo apresenta um breve histórico das revistas, dos sites e da edição selecionada, seguido da análise das duas reportagens e do evidente uso das técnicas de jornalismo investigativo e literário. Por último, a conclusão.

Histórico da revista *Caros Amigos*

Há 16 anos, Sérgio de Souza criou a revista *Caros Amigos*, feita pela editora Casa Amarela, que tem mais de 60 livros publicados. A proposta foi levar conteúdo de qualidade ao leitor, valorizando os aspectos artísticos e a forma gráfica da revista.

A *Caros Amigos* cresceu, incorporou articulistas e jornalistas, se tornou referência em publicação contra hegemônica, oferecendo reflexão crítica do pensamento neoliberal. Desde a morte de Sérgio de Souza, em março de 2008, Wagner Nabuco assumiu a direção geral da revista que recebeu diversos prêmios.

A revista tem circulação nacional, sendo vendida por assinatura e nas bancas. A equipe de jornalismo da *Caros Amigos* na 181ª edição, em abril de 2012, era integrada pelo diretor geral Wagner Nabuco de Araújo, um editor, editora adjunta, editor especial, editor de arte, assistente de arte, cinco repórteres, revisora e secretária da redação. Tem equipe especial para o site, formada por uma editora e duas repórteres.

A edição analisada teve 48 páginas de textos, fotografias e anúncios. A reportagem de capa foi o Especial "Impactos da Copa", do jornalista Leandro Uchoas que ocupou seis páginas da revista, sendo este o texto escolhido pelas autoras deste artigo. Apenas capa, contracapa e charges tinham páginas coloridas. A 181ª edição contou com quatro reportagens, duas entrevistas, dez artigos e colunas, oito seções, incluindo perfis, ensaios fotográficos e duas charges.

A versão online da revista (Imagem 1), hospedada no Portal Terra, disponível em http://carosamigos.terra.com.br, apresenta manchetes com banners rotativos na Página Inicial. Na lateral esquerda, as editorias são subdivididas em matérias do site, notícias, artigos e debates. Na segunda parte consta a Agenda Cultural com informações de teatro, música, cinema, infantil, dança, exposições, eventos literários, cursos e oficinas, palestras e encontros. Há ainda o Correio *Caros Amigos*, Vídeos Amigos, Artes *Caros Amigos* e Direto dos Movimentos.

O site disponibiliza um resumo da edição atual e sumário. Há diversos artigos e reportagens publicadas na edição impressa e disponibilizadas no site, no qual o internauta pode interagir e opinar, bem como cadastrar e-mail e receber semanalmente artigos escritos por integrantes da revista.

Imagem 1- *Print do Site Caros Amigos (Julho, 2013)* **Imagem 2**- *Print do Site Piauí (Julho, 2013)*

Histórico da revista *Piauí*

Idealizada pelo cineasta João Moreira Salles, a publicação mensal circula há sete anos e propõe a leitura de textos literários, seguindo à ótica do evento que embasou sua criação, a Festa Literária Internacional de Paraty.

A escolha do nome *Piauí* tem relação com a paixão de João Salles por vogais e não ao Estado do Nordeste do país. A revista tem 60% da produção feita pela redação, 30% por colaboradores e 10% de matérias compradas. A redação da 66ª edição, em março de 2012, contava com 16 pessoas. Os textos da *Piauí* são destinados a pessoas que gostam de ler histórias com começo, meio e fim. A revista é apreciada pelo bom humor e maneira minuciosa de narrar os fatos.

Disponível em http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-81, o site (Imagem 2) da *Piauí* está hospedado no Portal Estadão, tem cores fortes que chamam à atenção do internauta e textos longos da edição impressa. O conteúdo multimídia do site é visível por meio de hiperlinks e links para facebook, orkut e twitter, criando uma relação com os leitores, já que as redes sociais fazem parte do cotidiano deles. Possui o "*The Í–Píauí Gerald* – O blog do diário mais elegante do Brasil" com postagens de textos e fotos de assuntos atuais.

Os dois principais públicos da revista são os Formadores de Opinião composto por executivos, artistas, intelectuais, empresários, jornalistas e publicitários atraídos pela abordagem que a revista faz de figuras da política, do empresariado, do esporte, entre outros; e os Estudantes e Professores Universitários, já que a revista está entre as mais vendidas em bancas próximas as universidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Campinas e Recife.

Na edição de março de 2012, a revista pertencia a Editora Alvinegra, tinha periodicidade mensal e era vendida por assinatura e nas bancas. A equipe era formada

pelo fundador João Moreira Salles, o diretor comercial Raphael Jessourounm e o diretor responsável Fernando de Barros e Silva. Posteriormente a *Piauí* foi comprada pela Editora Abril.

A edição analisada teve 76 páginas de textos, fotografias e anúncios. A reportagem de capa destacou a crise do futebol brasileiro com enfoque a derrota do Santos Futebol Clube para o Barcelona, no Campeonato Mundial. A revista teve diagramação simples, marcada por textos longos e narrativos. A 66ª edição contou com um artigo, sete reportagens, duas colunas, duas crônicas, um perfil e um quadrinho.

Análise da reportagem "Impactos da Copa" da *Caros Amigos*

São seis páginas de reportagem, com média de uma foto a cada duas páginas, denunciando a má organização do Brasil na preparação do mundial de futebol de 2014. O texto foi diagramado em três colunas (sem anúncios).

A reportagem leva o leitor a questionar os gastos públicos e incontáveis problemas que o Brasil enfrenta mediante aos preparativos da Copa do Mundo de 2014, nas cidades escolhidas para os jogos. No Editorial, os dirigentes da *Caros Amigos* confirmam que o jornalista Leandro Uchoas "lembra, dois anos antes do pontapé inicial, que o maior ganhador desta maratona será mesmo a FIFA [Federação Internacional de Futebol Associado]– entidade privada que promove o megaevento mundial".

A posição editorial da revista é de que os políticos brasileiros "elegeram o esporte à condição de circo e de eficiente anestésico às mazelas do país", como consta na edição. O Editorial termina com a seguinte frase: "A Caros Amigos -a primeira à esquerda- reafirma seus compromissos com o jornalismo independente, crítico e de qualidade".

A chamada de capa "Impactos da Copa: FIFA fatura alto. Quem paga é o povo", revela a abordagem parcial do jornalista Uchoas, que inclusive recebeu dura crítica do jornalista Pedro Pomar (2012) e a rebateu pelo site da revista. A utilização da interrogação no título da reportagem: "A Copa do Mundo é nossa?" demonstra a intenção de tornar públicos os dados que boa parte da população não tem conhecimento. Vide Imagem 3 ao lado.

O repórter inicia o texto com a descrição de um cenário de horror:

> Para se chegar à casa de Elmar Freitas, na comunidade Metrô-Mangueira, no Rio de Janeiro é preciso *atravessar um cenário de guerra*. Andando sobre os entulhos das casas derrubadas, como se tivessem sido *alvo de um bombardeio*, chega-se a um casebre isolado e maltratado, com água e luz trazidos de longa distância. Por dentro, *mais destruição*. (UCHOAS, março, 2012) – *grifo das autoras*.

O clima de guerra e destruição norteia todo o texto, com relatos de pessoas que tiveram casas destruídas, gastos exorbitantes, falta de transparência, remoções desumanas, descasos, arbitrariedade, escassez e falência do sistema de transportes, falta de emprego, "varrição" dos moradores de rua, favelas e ambulantes, elitização do futebol e corrupção. A reportagem parece ter uma única voz: do povo.

Constata-se o uso do **Padrão de Ocultação**, no qual Abramo explica:

> Padrão que se refere à ausência e à presença dos fatos reais na produção da imprensa. [...] O 'jornalístico' não é uma característica intrínseca do real em si, mas da relação do jornalista, ou melhor, o órgão do jornalismo, a imprensa, decide estabelecer com a realidade. Nesse sentido, todos os fatos, toda a realidade pode ser jornalística, e o que vai tornar jornalístico um fato independe das suas características reais intrínsecas, mas depende, sim, das características do órgão de imprensa, da sua visão de mundo, da sua linha editorial, do seu projeto (ABRAMO, 1996, p.23).

As respostas e os esclarecimentos dos órgãos públicos organizadores da Copa são escassos na reportagem. Há pronunciação apenas da Secretaria Especial da Copa no Ceará. E, comparado ao tamanho da reportagem (seis páginas), apenas dois parágrafos são dedicados à defesa da Secretaria, havendo assim uma ocultação da outra versão dos fatos, a chamada imparcialidade, requisito básico da produção jornalística.

Em artigo publicado por Abramo (2006), intitulado "Significado político da manipulação na grande imprensa", ele confirma que o Padrão de Ocultação não se trata de desconhecimento ou omissão, mas sim de algo deliberado, um silêncio proposital sobre alguns fatos, ou partes destes.

A ocultação não foi integral na reportagem analisada. Segundo o repórter, os órgãos públicos esquivaram-se das respostas. "A Secretaria, reconheça-se, foi das poucas a não se esconder das perguntas da reportagem", como consta na reportagem. Abramo explica esta manipulação não intencional:

> É possível encontrar, diariamente, um grande número de matérias em que esses processos de manipulação não existam ou existam em grau mínimo, e também encontrar certo número de matérias em que as distorções da realidade são frutos de erros involuntários ou de limitações naturais à capacidade de captar e transmitir informações sobre a realidade (ABRAMO, 1996, p.23).

A reportagem, embora apoiada em fatos, dados e declarações, é altamente enviesada. Constata-se também o **Padrão de Fragmentação** que se dá de duas formas: pela seleção de aspectos e pela não contextualização. A seleção de aspectos consiste na decomposição, atomização e divisão do fato, a fim de conferir-lhe menos importância ou destaque dentro da notícia, levando o leitor a fragmentos sem contextos.

O jornalista demonstra de forma desigual os benefícios e os malefícios do Brasil sediar a próxima Copa do Mundo. As pequenas partes que abordam os benefícios do evento são engolidas pelos testamentos que as circundam. Como, por exemplo, na parte que a reportagem aborda a questão da 'geração de emprego'. O autor cita os novos postos criados por meio de construções dos novos estádios e da preparação da infraestrutura como rede hoteleira, alimentação e transportes. Isto fica minimizado diante das muitas informações negativas presentes no texto.

Outra constatação foi o uso do **Padrão de Indução**, também conhecido como "oficialismo". Nele, a utilização de uma fonte oficial conota maior aceitação por parte do público.

> A autoridade pode ser o presidente da República, o governador do estado, o reitor da universidade, o presidente do centro acadêmico, do sindicato, do partido político ou de uma sociedade de amigos de bairro. Ela sempre vale mais do que as versões de autoridades subalternas, sempre muito mais que a dos personagens que não detêm qualquer forma de autoridade e, evidentemente, sempre infinitamente mais do que a realidade. Assim, o ofícialismo se transforma em autoritarismo. (ABRAMO, 1996, p.24)

O repórter Leandro Uchoas abusa do uso de fontes oficiais, como exemplos, Olga Firk, representante do Observatório das Metrópoles em Curitiba; Manoel Nascimento, do Centro de Estudos e ação Social de Salvador (CEAS); Marcos Dionísio, do Conselho Estadual dos Direitos Humanos do Natal; Carlos Vainer, do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional; Any Ivo, também do CEAS; e Carlos Tautz, da ONG Mais Democracia, entre outras.

Este Padrão da Indução é uma combinação dos outros fatores de manipulação, induzindo o consumo e a credibilidade em uma realidade distorcida. Trata-se da criação de uma realidade nova trazida pelos meios de comunicação, que tornam o que é de fato real, em algo secundário. Desta forma, a mídia induz a opinião pública a aceitar a realidade que se apresenta (que é apenas uma pequena parte da realidade), como o todo da sociedade, e esta manobra tem crédito, pois a maioria das pessoas não vai "a campo" checar informações. Segundo Abramo:

> A indução da outra realidade - diferente e até oposta à realidade real -é o fruto da manipulação do conjunto dos meios de comunicação, em que cada qual, individualmente, tem a sua parte, e em que, evidentemente a parte preponderante deve ser responsabilizada aos maiores meios de comunicação, isto é, aos mais poderosos, aos que têm maior tiragem e audiência, aos que têm e ocupam maiores espaços, aos que veiculam mais publicidade. Em outras palavras, aos melhores. (ABRAMO, 2006, p.4)

O texto "*Impactos da Copa"* fez uso do **Padrão de Inversão**, último Padrão descrito no artigo de Abramo (2006), que corresponde ao reordenamento dos fatos que foram fragmentados, de modo a criar uma realidade artificial. Há várias formas de inversão:

> **Inversão da relevância dos aspectos:** o secundário é apresentado como o principal e vice-versa; o particular pelo o geral e vice-versa; o acessório e supérfluo no lugar do importante e decisivo; o caráter adjetivo pelo substantivo; o pitoresco, o esdrúxulo, o detalhe, enfim, pelo essencial. | **Inversão da forma pelo conteúdo:** o texto passa a ser mais importante que o fato que ele reproduz; a palavra, a frase, no lugar da informação; o tempo e o espaço da matéria predominando sobre a clareza da explicação; o visual harmônico sobre a veracidade ou a fidelidade, o ficcional espetaculoso sobre a realidade (ABRAMO, 2006, p.1).

Já a **Inversão da versão pelo fato:**

> não é o fato em si que passa a importar, mas a versão que dele tem o órgão de imprensa, seja essa versão originada no próprio órgão de imprensa, seja adotada ou aceita de alguém - da fonte das declarações e opiniões. O órgão de imprensa praticamente renuncia a observar e expor os fatos mais triviais do mundo natural ou social, e prefere, em lugar dessa simples operação, apresentar as declarações, suas ou alheias sobre esses fatos. Frequentemente, sustenta as versões mesmo quando os fatos as contradizem. Muitas vezes, prefere engendrar versões e explicações opiniáticas cada vez mais complicadas e nebulosas a render-se à evidência dos fatos. Tudo se passa como se o órgão de imprensa agisse sob o domínio de um princípio que dissesse: se o fato não corresponde à minha versão, deve haver algo errado com o fato. (ABRAMO, 2006, p.1)

Referente aos filtros estabelecidos por Chomsky e Herman (2003, p.119), constatou-se o uso do **Filtro Normativo do Jornalista** refletidos em interesses da parcela social que participa das tomadas de decisões, sejam elas de cunho político, econômico ou social, e que estão diretamente relacionados ao que é noticiado. Na reportagem "*Impactos da Copa",* Leandro Uchoas defendeu os valores do povo, norteando a matéria ao senso comum que o Brasil é um país corrupto.

As técnicas do jornalismo investigativo utilizadas por Leandro Uchoas na reportagem da *Caros Amigos* foram, imersão nas contas das cidades que serão sede na Copa do Brasil de 2014, o aprofundamento do tema, a investigação de como o dinheiro público está sendo investido nos dois anos que antecede a realização do grande evento esportivo, o cruzamento do que foi dito pelos entrevistados e o que consta nos documentos. Partimos agora para a segunda e última reportagem deste artigo.

Análise da reportagem "Acossados" da *Piauí*

Ocupou oito páginas da revista. Teve diagramação simples: nas duas primeiras páginas há uma foto com os dois principais entrevistados, texto dividido em quatro colunas; nas outras páginas constam quatro anúncios que não interferem no conteúdo do texto.

A capa da edição (Imagem 4 – ao lado) trouxe a seguinte chamada: O Exército vai à caça – Consuelo Dieguez narra a perseguição dos militares ao casal de sargentos gays. Este mesmo tom é seguido na linha fina da reportagem: "Abusos, homofobia e desvio de dinheiro dentro do Exército se misturam na história da perseguição aos sargentos que revelaram ser um casal em 2008". Disponível no site da *Piauí*, o texto completo rememora a história de Laci Marinho de Araújo e Fernando Alcântara de Figueiredo, que se conheceram em 1995, recém-saídos de escola de formação de sargentos, em Brasília, se apaixonaram e dois anos depois foram morar juntos.

Após assumiram ser um casal homossexual em 2008, Laci que sofria de epilepsia do lombo temporal, foi humilhado e torturado sendo obrigado a ficar em ala isolada no hospital do Exército, a usar roupa inadequada para o clima, ficar despido diante de militares, algemado sem motivo e, por vezes, não recebeu medicamentos e refeições. O companheiro Fernando foi perseguido e torturado por militares e médicos.

No primeiro parágrafo, a jornalista Consuelo faz uso da descrição das vestimentas e manias do casal. O tom narrativo e detalhista, utilizado no jornalismo literário, permeia todo o texto, precedendo informações de grande peso dentro da narrativa. Isto se enquadra no **Padrão de Inversão**, na qual a relevância de fatos banais são postos antes de fatos mais significativos. Abramo classifica como "o acessório e

supérfluo no lugar do importante e decisivo". O primeiro parágrafo da reportagem prepara o leitor para a história dos dois militares.

> O sargento Laci Marinho de Araújo se olhou no espelho e conferiu a farda mais uma vez. A calça verde-oliva e a camisa cáqui estavam impecavelmente passadas; os sapatos, cuidadosamente lustrados. Ele ajeitou o quepe sobre os cabelos pretos, cortados rente à cabeça e modelados com gel, e comprimiu os lábios um no outro para fixar o protetor labial de brilho avermelhado. Pegou na penteadeira o anel de prata com a inscrição "Todos os deuses estão comigo", mantra que repete quando se sente acuado, e colocou-o no dedo médio. Faltava uma hora para o início do seu julgamento, marcado para as nove da manhã de segunda-feira, 23 de janeiro. Ao seu lado, o sargento licenciado Fernando Alcântara de Figueiredo também verificou a indumentária. Alisou as mangas do terno preto de risca de giz sobre a camisa branca e a gravata preta. Pouco depois, embarcaram num Ford Fiesta preto, com Fernando ao volante, e deixaram o prédio onde moram, na Asa Norte, em Brasília, numa quadra exclusiva para cabos, sargentos e seus familiares. Laci ironizou, numa inflexão arrastada: "Vamos para o Tribunal do Santo Ofício." Fernando soltou um riso nervoso e rumou para a Auditoria Militar (DIEGUEZ, 2012).

Consuelo utilizou também o **Padrão de Indução** evidenciado pelas palavras "sozinho", "desnorteado", "crise de choro" e "estado deplorável", dentre outras que enviesa o pensamento do leitor e anula a imparcialidade inerente ao texto jornalístico.

Há mais de dez fontes no texto "Acossados", porém as falas privilegiadas são as dos dois sargentos. Consuelo Dieguez pesquisou a história contada pelos sargentos, buscou ouvir as outras partes envolvidas, mas no geral ressaltou a versão dos sargentos. Com isso, a jornalista limitou-se o papel do leitor apenas a mero espectador, pois agiu como juíza dos fatos e sentenciou o caso a favor dos protagonistas.

Um único parágrafo da reportagem deu voz aos demais envolvidos, como segue:

> Indagado sobre o caso dos sargentos, o Centro de Comunicação Social do Exército encaminhou, no começo de fevereiro, uma nota para *Piauí*. Nela, afirma que, apesar das denúncias de Fernando e Laci, "até o momento não há nenhuma decisão que ampare ou confirme suas acusações". Que, pelo contrário, o sargento Araújo "foi condenado por desacato, deserção e por propalar fatos inverídicos". O Centro pela Justiça e o Direito Internacional, uma ONG de Direitos Humanos com sede em Washington, encaminhou o caso para a Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos, a OEA, por considerar que houve abusos e perseguição aos dois militares. A procuradora Cláudia Lamas informou, por meio da assessoria de imprensa da Auditoria Militar, que, ao ouvir o sargento Laci, cumpriu os procedimentos previstos na legislação militar. O general Adhemar da Costa Machado Filho não quis se manifestar sobre as gravações, cuja autenticidade foi atestada pela Polícia Federal. A nota da instituição, contudo, sai em sua defesa, afirmando que "o Exército brasileiro não discrimina qualquer de seus

> integrantes em razão da raça, credo ou opção sexual". (DIEGUEZ, abril, 2012).

Dos Padrões propostos por Chomsky e Herman, houve uso do **filtro da crítica dos grupos de pressão,** na qual as empresas de comunicação são pressionadas por instituições civis, políticas, militares, sociais e outras. Os principais grupos ouvidos estavam ligados ao Exército.

> Os geradores de reações negativas somam suas forças e reforçam o comando da autoridade política em suas atividades de gerenciamento de notícias. O governo é o principal produtor de reações negativas, atacando, ameaçando e corrigindo regularmente a mídia, tentando frear quaisquer desvios da linha estabelecida. (CHOMSKY e HERMAN, 2003, p.87)

O texto se enquadra no estilo do jornalismo literário, com humanização dos personagens reais, descrição de cenários, e a jornalista tendo total liberdade de propósito e abordagem. A característica comum ao jornalismo investigativo foi à denúncia, mesmo que de forma implícita no texto, da perseguição aos sargentos homossexuais.

O discurso predominante foi o narrativo, com trechos ricos em detalhes descritivos e ambientação do local e cenário que deram a tona dinâmica da narrativa. A jornalista demonstra que pesquisou para fazer uso de comparações no texto, como consta no seguinte trecho da reportagem:

> O sargento Laci Marinho de Araújo responde a vários processos. O julgamento daquele dia era por crime de injúria (*demonstra que a jornalista pesquisou o tema)*. [...]O sargento Laci Marinho de Araújo tem 39 anos. É magro, tem o rosto pálido, cabelos e olhos negros. Nasceu em Natal, numa família de três irmãos. Um deles é padre. Foram criados pela mãe. O pai, muito ligado aos filhos, foi assassinado quando ele era criança. Fernando Alcântara, com 38 anos, tem 1,67 metros e músculos definidos em academia de ginástica. Nasceu no Recife, foi criado, junto com o irmão caçula, por uma mãe submissa e um pai severo (*trecho descritivo e com as impressões da jornalista*). (DIEGUEZ, abril, 2012) – grifo das autoras.

Conclusão

As duas revistas aprofundaram os fatos reportados, partindo da contextualização, resgate histórico, inserção de elementos participativos dos repórteres, dimensão comparada, remissão ao passado e interligação com outros fatos. Isto contribuiu para o entendimento dos temas das reportagens e propuseram, mesmo que de forma enviesada,

o questionamento sobre as obras da Copa de 2014 e a presença do casal homossexual no Exército.

A revista *Caros Amigos* utilizou mais o recurso participativo e opinativo do repórter Leandro Uchoas diante do contexto da Copa, e a investigação voltou-se para o olhar do jornalista "dando voz à opinião do povo". Na *Piauí* foram duas principais fontes que proporcionam conhecimento aos fatos, mostrando como pensam e agem os sargentos envolvidos, adotando as técnicas do jornalismo literário.

Na *Caros Amigos* as fontes foram imprescindíveis na execução do texto informativo, para que a retórica da denúncia não se perdesse por falta de credibilidade. No entanto, as fontes oficiais tiveram espaço reduzido na reportagem em detrimento aos dados do senso comum do povo.

Na *Piauí* as fontes foram menos frequentes, pois o objetivo foi denunciar humanizando os personagens. O testemunho da repórter aproximou o texto da forma literária das reportagens, enquanto a forma da *Caros Amigos* preferiu o jornalismo investigativo.

As duas reportagens fizeram uso principalmente dos quatro padrões de manipulação proposto por Abramo e de dois filtros de manipulação de Chomsky e Herman. No entanto, as autoras não tiveram pretensão de esgotar todas as análises devido ao limitado número de páginas desse artigo, cabendo outras reflexões.

Constata-se, portanto, que os jornalistas Leandro Uchoas da *Caros Amigos* e Consuelo Dieguez da *Piauí*, manipularam os leitores das reportagens utilizando os padrões de ocultação, fragmentação, inversão e indução, bem como fizeram uso dos filtros da crítica dos grupos de pressão e normativo dos jornalistas.

Bibliografia

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1996.

_____. **Significado político da manipulação na grande imprensa.** Artigo publicado em 2006. Disponível em: http://novo.fpabramo.org.br/content/significado-politico-da-manipulacao-na-grande-imprensa Acesso em: Julho 2013.

AGASSI, Érica de Siqueira Mendes. **Manipulação da Opinião Pública: A cobertura jornalística do Portal UOL nas Eleições de 2010.** Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo. Caraguatatuba/SP: Centro Universitário Módulo, 2011. Mimeo.

CADENAS, NelsonVarón. Quatro mil títulos depois. **In: REVISTA IMPRENSA.** Ano 25. Edição n.275. São Paulo: Imprensa Editorial, janeiro e fevereiro de 2012.

CAROS AMIGOS. Disponível em: http://carosamigos.terra.com.br. Acessos em: abril/2012 e julho/2013.

CHOMSKY, Noam e HERMAN, Edward S. **A Manipulação do Público** – *Política e poder econômico no uso da mídia*. São Paulo: Futura, 2003.

DIEGUEZ, Consuelo. Acossados. In: **REVISTA PIAUÍ**. Rio de Janeiro: Editora Alvinegra, abril de 2012.

FLIP - FESTA LITERÁRIA INTERNACIONAL DE PARATY. Disponível em: http://www.flip.org.br. Acesso em: julho de 2013.
Disponível em: http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-81. Acessos em: abril/2012 e julho/2013.

FORTES, Leandro. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo, Contexto, 2005.

GUIMARÃES, Bruna Vieira; GOMES, Ingrid. Resistência da Reportagem Investigativa e/ou Literária: Análise do aprofundamento das técnicas jornalísticas nas revistas Brasileiros e Rolling Stone. In: **Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos. Curitiba: Intercom, 2009.

PIAUÍ. Disponível em: http://revistapiaui.estadao.com.br. Acesso em: 14 de maio de 2012.

POMAR, Pedro. **Um modismo equivocado**. Disponível http://carosamigos.terra.com.br/index/index.php/component/content/article/167-edicao-181/2808-a-copa-do-mundo-e-nossa. Acesso em: Julho de 2013.

SARDAS, Guilherme. Sob medida. **In: REVISTA IMPRENSA.** Ano 25. Edição n.275. São Paulo: Imprensa Editorial, janeiro e fevereiro de 2012.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista.** São Paulo: Contexto, 2006.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo, Summus, 2005.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem:** notas sobre a narrativa jornalística**.** São Paulo: Summus, 1986.

TABELA CIRCULAÇÃO GERAL PUBLIABRIL. Disponível em: http://www.publiabril.com.br/tabelas-gerais/revistas/circulacao-geral/imprimir. Acesso: Julho de 2013.

UCHOAS, Leandro. Impactos da Copa. In: **REVISTA CAROS AMIGOS**. São Paulo: Casa Amarela, março de 2012.

_____. **A construção da verdade: uma resposta a Pedro Pomar**. Disponível http://carosamigos.terra.com.br/index/index.php/component/content/article/167-edicao-181/2808-a-copa-do-mundo-e-nossa. Acesso em: Julho de 2013.

VILAS BOAS, Sérgio. **Jornalismo literário**: um percurso filosófico. São Paulo: ABJL / Texto Vivo Edições, 2008.